

Volume 01 | Nº 01 | 2021

**ANAI**S SEPHA UERJ

# CIRCULO & REPRESENTAÇÃO TACITO

GT 4

# História da Arte e Gênero



# Uma perspectiva de gênero para a “imperatriz silenciada”: possibilidades e controvérsias

**Camila Amigo P. J. de Sá<sup>1</sup>, Carolina Nunes<sup>2</sup>, Flavia Vieira<sup>2</sup>, Eloá Tavares Garcia<sup>2</sup>, Mariana Silva Vidal<sup>3</sup>, Livia Bettero<sup>2</sup>, Luiza da Nobrega de Alvarenga<sup>2</sup>.**  
Orientadora: Evelyne Azevedo<sup>4</sup>.

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo identificar os motivos pelos quais a Imperatriz Teresa Cristina teve sua importância na Arqueologia e História da Arte brasileiras invisibilizada e como essa negativa resultou no seu apagamento enquanto figura de importância para os acervos histórico e artístico brasileiros, mas também mundial. Para isso, utilizamos os estudos de arqueologia de gênero e arqueologia feminista, e da trajetória da Imperatriz enquanto mulher pioneira, com espírito científico próprio de uma pesquisadora

**Palavras-chave:** Teresa Cristina, arqueologia de gênero, feminismo

---

<sup>1</sup> Graduanda em Arqueologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

<sup>2</sup> Graduandas em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

<sup>3</sup> Graduanda em Arte Visuais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

<sup>4</sup> Professora Adjunta de História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ART/ UERJ.

## 1. Introdução

A partir das últimas décadas do século XX, as ciências e as diversas áreas do conhecimento passaram a compreender uma nova abordagem metodológica em suas investigações, que são os estudos de gênero. Intrinsecamente ligados aos movimentos feministas (sobretudo à segunda onda, em 1940 e terceira onda em 1980), e por isso foi com frequência “vulgarmente” relacionado à “história das mulheres”, fato esse que moldou as perspectivas das pesquisas dali em diante.

Dentre as áreas impactadas pelos estudos de gênero encontramos a Arqueologia, que, a partir da década de 80, passou a receber séries de críticas acerca de suas teorias metodológicas anteriores, o histórico-culturalismo e o processualismo, que fundamentalmente pressupunham que os mesmos valores eram compartilhados dentro de uma sociedade e que eram determinantes na diferenciação entre elas. Além de também inferir que as pessoas agem do mesmo modo independentemente do lugar ou da época (BÉLO, 2018). Consequentemente, a “autocrítica” por parte dos arqueólogos, associada aos movimentos sociais efervescentes do final do século XX, reformulou a maneira de olhar e interpretar o passado.

A primeira das três ondas do feminismo – base da arqueologia de gênero – ocorreu entre 1880 e 1920. Para traçarmos um paralelo histórico, podemos indicar uma série de mudanças que aconteceram no mundo, como a luta pelo direito ao voto e à candidatura de mulheres, enquanto no Brasil temos a abolição da escravatura. Na segunda onda (1960 a 1970) as principais questões que permeiam esse momento são a busca por igualdade (sexual, de salários). Essa busca por equiparação gera uma série de questionamentos acerca do papel do patriarcado, inclusive na esfera



acadêmica. Já a terceira onda, que tem seu início na década de 1980 e chega até os dias atuais, é totalmente influenciada por teorias pós-modernistas e pós-estruturalistas, com uma efetiva busca por interseccionalidade entre o movimento feminista, os movimentos negros e LGBTQIA+. Esses aspectos trazem à tona uma busca pelas chamadas pautas identitárias.

Assim, dá-se início à arqueologia de gênero, caracterizada pela investigação e identificação das relações de gênero no passado e a visibilidade feminina. (SHAAN, 2018) A arqueologia feminista, por outro lado, identifica-se principalmente por abordagens teóricas destinadas a criticar as abordagens científicas tradicionais, com ênfase na “necessidade de situar a pesquisa de gênero dentro de uma estrutura explicitamente feminista” (CONKEY; GERO 1997, p. 411; SHANN, 2018).

Dada a sua temporalidade, essas novas metodologias ainda não deram conta de discorrer sobre algumas figuras essenciais e que quase sempre são deixadas de lado na construção da sua historiografia, como é o caso da Imperatriz Teresa Cristina.

## **2. Teresa Cristina de Bourbon: mulher, imperatriz e estudiosa**

Discutimos, portanto, o início do que se pode chamar a tentativa de quebrar a visão do patriarcado na arqueologia, mundial e brasileira, dando foco especial a uma figura esquecida pelos estudiosos brasileiros, a qual impulsionou não só a um empoderamento feminino, mas aos estudos arqueológicos no Brasil, a Imperatriz Teresa Cristina de Bourbon.

Nascida em 14 de março de 1822 na região de Nápoles, fruto do segundo casamento do príncipe herdeiro do Reino das Duas Sicílias, Francisco I, com Maria Isabela de Bourbon da Espanha, sua prima, nasceu Teresa

Cristina Maria de Bourbon (AVELLAR, 2010, 2012). A relação da princesa com o Brasil se inicia através do golpe de maioridade, 23 de julho de 1840, no qual Dom Pedro II assume o trono brasileiro (LYRA, 1938). Em 1842, Bento da Silva Lisboa, ministro das relações exteriores, depois de encarar dificuldades no reino de Habsburgo para encontrar uma esposa para Dom Pedro II, volta-se para o Reino das Duas Sicílias, onde se depara com a princesa napolitana (SANDRONI, prefácio AVELLA, 2012) e em 20 de Maio do mesmo ano, assina em Viena o casamento por procuração de Dom Pedro II e a princesa Teresa Cristina de Bourbon. O casamento real aconteceu em Nápoles, dia 30 de maio de 1843 (LYRA, 1938).

Vale ressaltar duas questões importantes a partir daqui. A primeira é entender porque a Imperatriz tem tamanha relevância para o contexto arqueológico brasileiro. A segunda questão é buscarmos compreender o motivo pelo qual a sua importância tenha sido apagada da História.

Sobre a criação de Teresa Cristina, no prefácio da biografia escrita por Avella (2012), Sandroni fala que “Nascida numa região rica em sítios arqueológicos, desde jovem a princesa do ramo Bourbon dedicou-se ao estudo da história e da arqueologia com os melhores professores da área na Europa.”. Ainda sobre a educação da até então princesa, Avella (2012) nos conta:

Penúltima dos 15 filhos de Francisco I, considerados também os que nasceram do matrimônio com a já falecida Maria Clementina, a princesa de Bourbon recebeu de seu receptor Monsenhor Olivieri, uma severa educação religiosa, mas ao mesmo tempo, os gostos pelas belezas artísticas, com o estímulo a desenvolver sua inata propensão para o canto e o piano. O estudo do francês completava sua bagagem cultural, como era obrigação na época. (AVELLA, 2012, p. 31).



Educada em assuntos culturais, seria justo dizer que Teresa Cristina foi uma bela adição ao trono brasileiro, uma vez que os modos da corte já haviam sido criticados por Leopoldina, mãe de Dom Pedro II (del PRIORE, 2011). A imperatriz chega ao solo brasileiro na fragata Constituição no dia 3 de setembro de 1843, e traz consigo, alguns objetos arqueológicos (AVELLA, 2010), uma vez que a Itália sempre foi um importante eixo de descobertas arqueológicas.

Usada inicialmente como um instrumento de fortalecimento de ideologias, a arqueologia ganha centralidade ao referenciar o uso da ciência para definir um poder imperialista

A Europa do século XIX foi palco de um importante desenvolvimento industrial e tecnológico, do mesmo modo, as potências imperialistas procuravam justificar a expansão de seus impérios apoiando-se, dentre outras coisas, em uma ideia de razão e de verdade absolutas da ciência. Nesse contexto, duas correntes de pensamento dominavam a mentalidade europeia: o racionalismo e o conservadorismo. (FÉLIX, 2013, p.312-313)

Teresa Cristina, ao herdar as propriedades em Isola Farnese e Vaccareccia de sua tia, Maria Cristina de Bourbon, a rainha de Piemonte e Sardenha, se torna ativa no processo de busca por esses objetos, considerando o aumento significativo de escavações na Europa do século XIX.

Com expedições patrocinadas e ordenadas por ela mesma e de acordos com seu irmão, Ferdinando II, chegam ao Brasil alguns artefatos oriundos dessas escavações:



ela fazia isso com o próprio dinheiro, que vinham de suas propriedades que tinha recebido de herança de parentes europeus. pois foi criada no meio da cultura e queria fazer o mesmo por aqueles que acabara de adotar. (CAMARGO, 2017. p. 22)

A primeira remessa de peças antigas chegou ao Rio em 1856, contendo uma centena de terracotas, 60 objetos em bronze, 30 de vidro, vasos e painéis com pinturas do período romano. Mais do que obras de arte, foram escolhidos objetos usados na vida cotidiana de Pompéia e Herculano, revelando uma preocupação etnográfica notável para a época. (AVELLA, 2010 p.5)

A primeira escavação arqueológica financiada pela Imperatriz é administrada pelo arquiteto e arqueólogo Luigi Canina no ano de 1852 nessas propriedades deixadas pela sua tia. Teresa Cristina conseguiu ainda uma permissão para escavar na cidade, em Macchia Grande, e fora da cidade nas necrópoles de Oliveto e Poggio del Ponte di Formello (LIVERANI, 2004).

Dos sepulcros do sítio do Lazio provêm os objetos etruscos que estavam expostos no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista do Rio de Janeiro como: bucheri, canopos, jóias, peças de uso cotidiano, amuletos fálicos e armas. Assinalam-se uma escultura feminina sem cabeça, de estilo arcaizante, e uma estatueta de Vênus em alabastro. (AVELLA, 2012)

A escavação de 1877 é marcada por uma disputa pelo direito à escavação das terras, visto que alguns anos antes Teresa Cristina vendeu suas propriedades em Veio para o Marquês Ferrojoli, mas reservou o direito de escavar nas propriedades e ter posse dos objetos encontrados (LIVE-



RANI, 2004,2015). Resolvidas tais questões, o então administrador dos bens na Itália da Imperatriz, Virgino Vespignani, apresenta o pedido de autorização para efetuar a escavação. (AVELLA, 2012). Dessa pesquisa de campo provém um dos objetos mais famosos do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, de acordo do Liverani (2015):

Nell'estate, tuttavia, un agricoltore Francesco Sili, affittuario del Ferraioli, arando un terreno a N di Veio rinvenne un busto che il Lanciani descrive di “marmo greco, di pochissimo maggiore del vero” e che raffigurava Antinoo

Como fica evidente no trecho, o busto de Antínoo foi achado por um agricultor arando o terreno, nos arredores de Veio. O artefato foi entregue a Rodolfo Lanciani, chefe do Ufficio Tecnico degli Scavi di Antichità di Roma, para ser examinado e após algumas questões sobre a quem pertencia o busto, o mesmo foi enviado ao Brasil com outros achados de Veio (AVELLA, 2010, 2012).

Teresa Cristina inicia sua última escavação nos anos de 1888-1889, na qual Francesco Vespignani – filho do Virgino Vespignani (1808 - 1882) faz o pedido de autorização para as escavações nas propriedades de Veio ao senador Fiorelli, diretor das antiguidades e belas artes que concede a autorização (AVELLA, 2012). “Gli scavi iniziarono il 12 gennaio 1889 e furono seguiti da Francesco Vespignani, subentrato al padre, con la sovrintendenza del Lanciani, suo cognato” (LIVERANI, 2015).

A escavação duraria 6 meses, Liverani (2004) entra em alguns detalhes sobre a área escavada e os artefatos descobertos:

Excavation was undertaken at the necropolis of Picazzano to the north of Veii and also in the cemetery of Vaccareccia to the east. Various trenches were dug in the inhabited part of the site, bringing to light both Etruscan houses and Roman structures. Noteworthy were the discoveries of a Roman villa with a polychrome mosaic of the fourth century AD and of a large votive deposit on the spur of land known as Piazza cl' Armi. which connects the plateau of Veii with the acropolis.

O ano de 1889 é marcado por inúmeras turbulências no Brasil. As consequências deixadas pela guerra do Paraguai (1864 a 1870) e a assinatura da Lei Áurea (13 de maio de 1888) culminaram, em 15 de novembro de 1889, na proclamação da república. Dois dias depois do evento protagonizado pelos militares, em especial, Deodoro da Fonseca, a família imperial se vê forçada a um exílio e a uma partida silenciosa. Retornam então para a Europa, refazendo o caminho que levou primeiramente à corte portuguesa de D. João VI a se instalar no território brasileiro em 1808.

Um mês depois, em 28 de dezembro, morre Teresa Cristina em decorrência, possivelmente, de um ataque cardíaco. Suas últimas palavras ainda ecoam pela historiografia brasileira: “Não morro de moléstia, morro de dor” (AVELLA, 2012). Aqui, se evidencia o amor da Imperatriz pela sua segunda casa.

Após sua morte, o material arqueológico da última escavação permanece em Isola Farnese, onde alguns dos objetos foram vendidos (LIVERANI, 2004). Só em 1890 Pigorini escreve a Dom Pedro II em nome do Museo Preistorico-Etnografico e Kiercheriano solicitando que os achados da escavação de Veio ficassem ao seu cuidado no museu italiano para quem Dom Pedro II responde indicando o envio do material arqueológico



encontrado para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. (AVELLA, 2012).

Sandra Ferreira dos Santos (2018) esclarece o final da viagem das peças de Veio:

Muitas dessas peças ainda estavam na Itália quando a República foi proclamada no Brasil. Apesar da insistência do Imperador para que as peças fossem enviadas para o Brasil após a morte da Imperatriz, seus netos, os Príncipes Pedro, Luis e Augusto Leopoldo, doaram os objetos para os museus Preistorico Del Collegio Romano, atual Museu Preistorico e Etnografico, e Villa Giulia, ambos em Roma, sendo ainda possível que algumas peças tenham ido para o Museo Civico de Modena.

Dessa maneira, a contribuição de Teresa Cristina para as coleções de arte e artefatos etnográficos brasileira é extensa e evidente. A partir de escavações e de seu contato com o irmão, ela não só contribui para a cultura material no Brasil como também para a aproximação de sua nova morada com seu país de origem, a Itália.

A partir de sua presença, a Imperatriz traz consigo muito da cultura italiana no que se relaciona à música e outras manifestações sociais: “Da comitiva de Teresa Cristina faziam parte também artesãos e trabalhadores de alto nível profissional (...) originários do sul da Itália.” (AVELLA, 2014. p.127). Com ela, chegaram também o cantor Arcangelo Fiorito, o artista Nicola Antonio Facchinetti e o escultor Giovanni Castelpoggi. (AVELLA, 2014).

Apesar de todas as suas adições no cenário cultural, observamos uma incoerência no que se relaciona à memória que temos de sua figura. Grande parte dos registros existentes pouco engrandecem seu caráter e sua personalidade e as poucas referências à essa figura são em grande parte relacionadas à imagem de “feia, baixa e coxa”, que pouco poderia

aspirar ao povo e também às filhas Isabel (1846-1921) e Leopoldina (1847-1971) (DEL PRIORE, 2013.p.49).

O que se mostra atualmente é um quadro de esquecimento ou de ausência à menção da imagem da Imperatriz. Observamos em textos e citações diversas uma descrição parecida à de Mary del Priore ou ainda uma completa escolha pela não menção de sua ação e contribuição fora da memória da “mãe dos brasileiros”.

Como uma Imperatriz que não se expressava nas rodas sociais pôde ter exercido uma influência tão significativa nos fluxos migratórios de italianos para o Brasil? São essas apenas algumas questões importantes para se pensar acerca da imagem estereotipada que é feita de D. Teresa Cristina por alguns historiadores, diferentemente do que outros registros apontam. (CAMARGO, 2017. p. 13)

(...)comparado com o que já se escreveu sobre nossas duas outras imperatrizes – Leopoldina e Maria Amélia, esposas de D. Pedro I – muito pouco se falou sobre Teresa Cristina, apesar de ela ter vivido por quase meio século em terras brasileiras. (ZERBINI, 8, 2007, p. 7 apud, CAMARGO, 2017. p. 11 )

Para isso, vale analisar o papel da mulher nesse período. Num momento anterior às revoluções feministas que levaram à solidificação dos estudos de gênero, o papel feminino na sociedade- principalmente nas elites sociais brasileiras- era quase em sua totalidade ligado ao lar e à criação dos filhos. Cercadas de criados e escravos, as mulheres brasileiras geriam e acompanhavam os movimentos e acontecimentos familiares: a educação e o casamento dos filhos, por exemplo. No séc. XIX onde quase tudo era proibido às mulheres, aos homens cabia a política, os livros, a escrita e,



em suma, a vida pública. A mulher se dedicava à vida privada, ou seja, da casa, dos filhos, à “paixão pelas coisas”, pelos objetos, pelos álbuns de família etc. (FÉLIX, 2013. p.314.)

Dentro dessa mentalidade, é possível aceitar a figura de Teresa Cristina como a “mãe dos brasileiros”, título esse já atribuído à sua personagem desde seu primeiro contato com o solo brasileiro como nos afirma Avella (2014, p.61) ao retratar a passagem na qual, ainda na fragata *Constituição*, demonstra cuidados a um marinheiro doente. “Essas palavras podem ser consideradas a moldura do quadro no qual a historiografia incrustou sua figura de ‘Mãe dos Brasileiros’, esposa fiel e ‘silenciosa’ a ponto de torná-la quase ‘invisível’” (AVELLA, 2014.p.61).

Ao recuperar a memória de D. Pedro II, colocando-o no panteão dos heróis nacionais, a historiografia republicana o representou como o “Grande Pai” de barba branca, genitor afável e bondoso; Teresa Cristina, a “Mãe dos Brasileiros”, foi sendo colocada na sombra. numa atitude algo machista. (AVELLA, 2010. p.10)

### **3. Conclusão: hipóteses e novas perspectivas de análise no discurso**

Ao fazermos a análise desses dados, um aspecto deve ser levado em conta: quem constrói a narrativa histórica. A partir da perspectiva do patriarcado, dificilmente uma mulher, por mais que tenha importância na sua conduta colaborativa, terá protagonismo ao desempenhar o papel que lhe foi cabido.

Esses fatores nos levam a apontar um silenciamento e uma indiferença constituinte da memória social. Teresa Cristina não era uma mulher

submissa, mas que respeitava os princípios que eram impostos pela sociedade de sua época, tais como, ser uma boa mãe, uma boa dona de casa, e acima de tudo respeitar o marido em todas as decisões impostas por ele. Era isso que se esperava de uma “boa mulher” (CAMARGO, 2017 p.22).

Como qualquer indivíduo, Teresa Cristina possuía diversas camadas e são as que estão para além do papel social esperado dela que nos interessa. Sua verve pesquisadora, curiosa, dotada de um arcabouço cultural gigantesco, que compreendia que para conhecer a história, era necessário o resgate de peças e artefatos, essa é a face de Teresa Cristina que nos interessa.

Em seu discurso no Ted Talk<sup>5</sup>, a escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozie fala que:

Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

E é essa a intenção ao estudar outros aspectos da Imperatriz: compreender que existem outras possibilidades, outros lugares em que ela atravessa e que sua importância histórica deve estar para além da sombra do Imperador.

---

<sup>5</sup> O discurso, feito em 2014, pode ser visto no link : [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt)



## Referências bibliográficas:

AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada*. In: Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP–Franca. São Paulo, set. 2010.

AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina Maria de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos 1843-1889*. Editora UERJ. RJ. 2014.

CAMARGO, TERESA CRISTINA: *A Imperatriz, a mulher e as sombras do II Império Brasileiro*. UFU, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2017.

CONKEY, M. W.; GERO, J. *Programme to practice: gender and feminism in archaeology*. *Annual Review of Anthropology*, v. 26, p. 411-37, 1997.

BÉLO, T. P.. *Os estudos de gênero na Arqueologia*. In: Vera Regina Toledo Camargo; Pedro Paulo Abreu Funari. (Org.). *Os estudos de gênero na Arqueologia*. 1ed. São Paulo: Bonecker Acadêmico, 2018, v. 1, p. 31-42.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011

DEL PRIORE, *O Castelo de Papel*. Editora Rocco, RJ. 2013.

FÉLIX, *O indivíduo na história: a memória e a escrita de si em Dona Teresa Cristina de Bourbon, a mãe dos brasileiros*. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.26, n.2, jul./dez. 2013



FÉLIX, *Dona Teresa Cristina e os Rastros da Memória: Entre a invenção da Mulher-Monumento e a escrita de si*. UFU, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2014.

LIVERANI, P. *Excavation in Etruria in the 1880s: the case of veii*. ARCHAEOLOGICAL MONOGRAPHS OF THE BRITISH SCHOOL AT ROME. The British School at Rome. London 2004

LIVERANI, P. *Gli scavi di Teresa Cristina di Borbone a Veio* – CASCINO, Roberta; FUSCO, Ugo; SMITH, Christopher John (ed.). *Novità nella ricerca archeologica a Veio: dagli studi di John Ward-Perkins alle ultime scoperte: atti della giornata di studi, British School at Rome, 18 gennaio 2013*. Sapienza Università editrice, 2015.

LYRA, H. *História de Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938-1940, v.1.

SANTOS, S.F. *A Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro: as possibilidades de uma coleção*. R. Museu Arq. Etn., 30: 148-160, 2018.

SCHAAN, D. P. Há uma necessidade de atribuir gênero ao passado? *Revista Habitus*, Goiânia, v.16, n.1, p.125-139, 2018